

## MANIFESTO ANTI-DIVINDADES MUNDANAS

Dei-te tudo! E ao dar-te tudo, perdi-me! Perdi-te! Perdemos-nos os dois num mundo imenso de solidão e tristeza. Ficámos ambos atrapados na sepultura da nossa dor, sem poder fugir, sem possibilidade de escapar, condenados à eternidade de ser a dolorosa ferida que os deuses, por maldade e mesquinhez, nos causaram e subjugarão pela terra quente que nos pare e receberá; também pelos céus frios que nos miram desde cima com desdém e arrogância e nos cuspirão para o inferno do vazio e do esquecimento.

Somos a ferida que não sara nunca e dói sempre! Somos o rosto da fome e da infelicidade e do nada! Somos a face da miséria que essas supostas divindades nos causaram pelo tempo, pela vida e pela morte; somos a cara que os deuses usurparam para cunhar a sua moeda de desprezo prepotente e que, ingloriamente, venderam à humanidade, numa manifestação magnânima do seu poder absoluto sobre os Homens, da sua grandeza extrema e dominante sobre o mundo que menosprezam e execram... Mas somos também, por virtude e milagre, a escarra viscosa e nojenta que escorre lentamente pela frente dos deuses que nos maltratam como um sinal de tumulto e revolta; somos a antítese da divindade que esses deuses mundanos alegam possuir; somos o eterno paradoxo da vida e da morte que concede verdadeira grandeza à Humanidade e valor à sua finitude. Todavia, o nosso espírito alimenta-se de contradições e odiamos-los e adoramos-los apesar das nossas insurreições; e tememos-los e respeitamos-los pesem as angústias que nos causam; e pecamos e cumprimos os preceitos que nos exigem mesmo que não lhes reconheçamos a condição de deuses. E damos-lhes tudo e perdemos-nos... Perdemos-nos sempre! Perdemos sempre!

Não têm, porém, nem grandeza nem honra nem valia alguma! Se tivessem dignidade recusariam os sacrifícios humanos que lhes são feitos; se tivessem valores autoextinguir-se-iam para não mais criarem desumanidade no seio de um mundo já imperfeito; se fossem seres e deuses minimamente éticos e morais suicidar-se-iam para não ser mais o tormento sem razão que tudo exige aos Homens... tudo exige e nada lhes dá, tudo exige e tudo lhes tira! Os deuses são tão pequenos quanto os átomos, ou mais pequenos ainda; tão abjetos quanto os assassinos e os violadores e os ladrões e os pedófilos, quiçá mais, seguramente muito mais. E eu, ciente da sua condição desregrada e imunda, juro-lhes vingança e choro; condeno-os a viver na eterna mesquinhez de não

conhecer a pureza do espírito humano e choro; rogo-lhes pragas e juro-lhes castigos para que nunca vejam a genuína grandeza divina e choro.

E choro por não existirem deuses! Não sendo ateu nem arreligioso, nego a existência de divindades e entidades supremas. Mas não posso nunca odiar o que não existe e choro. E choro a minha tristeza, a minha ferida, a minha mágoa... Choro também as tuas dores e aceito a existência dos deuses: deuses grandes ou pequenos, onnipotentes ou limitados nas suas capacidades; pouco interessa a sua dimensão e o seu poder. Os deuses existem e são seres mundanos; os deuses existem e são seres desprezíveis; os deuses existem e eu odeio-os! E choro!

Choro porque esses deuses não são mais que seres ébrios e vis que se excitam e masturbam com a mágoa humana, com as feridas que causaram na humanidade, que me causaram a mim e a ti e que não sabemos esquecer nem podemos perdoar. Odeio-os e choro a minha dor; detesto-os e choro a tua dor também como se fosse minha; choro a tua dor porque também são minhas as feridas que os deuses te causaram!

E olho-as! Vejo as feridas marcadas na pele de ambos, a minha ainda suave por ser jovem, a tua já enrugada pela experiência, e recordo-te; e olho-te... e choro-te! Vejo nos teus olhos baços a tristeza e o pranto que já não podes chorar. Vejo no teu olhar vazio a miséria e a fome! E choro! E tu também choras comigo! E o sal das nossas lágrimas, as minhas e as tuas, provoca um ardor intenso nas feridas do espírito, converte-as em chagas rubras e sangrentas para que o mundo inteiro veja a minha dor, perceba o teu sofrimento e conheça a condena que nos foi imposta pelos deuses, por essa heregíssima trindade do tempo, do medo e do orgulho!

E incito o universo que os deuses dominam ao ódio e à violência. Quero castigá-los e quero que sofram! Quero que morram e sintam dor equivalente à que me causaram, dor semelhante à morte porque vivo como se estivesse morto, sem alegria, sem prazer, sem vontade, sem porquê! Então, procuro ignorá-los, para lhes trespassar com a estaca da indiferença o coração da vaidade e ufanía de quem tem uma perceção de autovalía que supera a realidade, quem pensa ser mais do que é. E choro!

Choro porque ainda recordo com vivacidade e horror o momento em que foram os deuses que me perfuraram a pele com a lâmina afiada da maldade; quando o tempo me provocou saudades, o medo me causou insónias e o orgulho não permitiu que chorasse por ti e contigo. Agora que os ignoro, já posso chorar, mas só me permite o espírito que os deuses em mim infundiram que o faça quando estou sozinho, nessas muitas horas solitárias sem dormir porque as saudades bradam o teu nome no meu ouvido e profbem

o sono e o descanso, forçando-me a reviver o momento em que te vi deitado entre três paredes de madeira e eu mesmo fechando a porta dessa casa que será tua até não seres mais que ossos e pó e memória, como se cravasse um punhal no teu peito e fosse eu quem sangrasse esse sangue vazio de espírito e de vida.

E choro na minha solidão! Choro na minha reclusão voluntária porque tenho medo de ver os deuses nos olhos de outrem: os deuses que o meu orgulho diz não existirem, mas que me atormentam o espírito apodrecido pelo sofrimento; os deuses cuja existência nego, mas que me corrompem e ferem e matam pedaço a pedaço; os deuses que ignoro e desprezo, mas que fizeram que perdesse o presente e o futuro e converteram o passado numa densa névoa no céu que me enegrece. E odeio os deuses e choro!

Mas ergo-me: levanto-me do pó que me cobre o corpo e suja a pele. Na imundície do meu rosto que os olhos não veem, limpo o sangue que o meu espírito chorou; enxaguo as lágrimas de sal e suor que a vida me negou, mas que a morte, sempre materna e misericordiosa, me concedeu! E aprendo que o amor e a bondade, a honra e a saudade são a negação da negação divina que são o medo, o orgulho e o tempo; e percebo que ainda amo quem foi bom e honro quem me provoca uma saudade imensa de tudo o que em mim era vida.

E ainda sinto! Ainda vejo sentido nos meus passos que me levam à tua sepultura. E sei que estou vivo! Apesar de tudo, estou vivo! Na tua morte, morreu um pedaço do meu espírito, mas o que ainda me sobra é também espírito e eu estou inteiramente nele... Tu estás inteiramente nele e não há espaço para mais divindades que não sejam o Homem que morreu e que deixa saudades; não há outro Deus que não o Homem cuja ausência marca mais que a presença.

Agora, já não odeio os deuses! Simplesmente nego a existência do tempo, do medo e do orgulho como entidades divinas; afirmo e reafirmo a sua existência como seres mundanos que eu mesmo criei para serem o suplício eterno de quem viveu como se estivesse morto. Agora, vivo na eternidade que me ofereceu as minhas primeiras certezas. Não encontrei, porém, felicidade, mas mais tristeza e mágoa porque sempre existiram os deuses e eu odiei-os e neguei-os! E ao negá-los neguei também a vida e, agora, nem o mundo inteiro é suficiente para pagar esta dívida de amor e saudade que lhe devo. Neguei-te a ti! E choro a finitude da vida na solidão da tua sepultura. E choro porque te dei tudo e o tudo teve equivalência ao nada... ao nada em que me converti!